

A prostituição, a cidade e suas falas

Prostitution, the city and its lines

Juliana Cavilha
BIEV-UFRGS
jcavilha@yahoo.com.br

Resumo: Esta comunicação é resultado de parte da pesquisa de doutorado, a qual se propôs a investigar a construção de práticas sexuais na conformação da paisagem urbana, a partir de um estudo etnográfico com mulheres profissionais do sexo nas regiões centrais da cidade de Florianópolis/SC. Neste artigo proponho a discussão de pensar a cidade do ponto de vista das narrativas biográficas destas mulheres, e procurarei enfatizar a forma como a cidade moderno-contemporânea participa de suas aprendizagens neste ofício, bem como intensifica e estimula mobilidades internas.

Palavras-chave: prostituição, cidade, narrativas, ofício

Abstract: This communication is produced as part of doctoral research, which aimed to investigate the construction of sexual practices in shaping the urban landscape, from an ethnographic study with female sex workers in the central regions of Florianópolis/SC. In this article I propose to discuss the city to think in terms of biographical narratives of these women, and try to emphasize how a modern-contemporary city participates in their learning this craft, as well as enhances and promotes internal mobility.

Keywords: prostitution, city, stories, craft

Introdução¹

Essa minha cunhada que era amante dele (o irmão), aí ela me ensinou, falou como era, que era a noite e era só para dançar e para beber. Ela disse se tu quiser beber guaraná, tu podes beber guaraná! Se tu quiser beber bebida tu podes beber, até que eu caí no *whisky*. Na primeira noite eu tomei um litro de *whisky*. Peguei aqueles de Laranjeiras do Sul/PR, aqueles da grana mesmo, usava só facão e revólver, um de cada lado. Eu nunca esqueço, ele perguntou para mim o que quê eu bebia, eu disse que tomava guaraná, ele disse assim: “Putá, vagabunda, toma é *whisky*, bota na mesa um litro de *whisky* aí porque ela vai tomar!” antigamente as profissionais tinham que fazer o que os homens queriam, hoje em dia não! (Márcia. Extrato de entrevista, 2007.)

¹ Este texto é um fragmento de minha pesquisa de doutorado que investigou a construção de práticas sexuais na conformação da paisagem urbana, a partir de estudo etnográfico com mulheres profissionais do sexo que batalhavam nas ruas no centro da cidade de Florianópolis, defendida no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil) em 2010, orientado pela professora dr. Ana Luíza Carvalho da Rocha.

Conheci Márcia² como membro atuante do Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS, GAPA, no início de uma pesquisa que coordenei sobre doenças sexualmente transmissíveis e que desenvolvia em 2002. Cabelos loiros e ondulados na altura dos ombros, 1,65m de altura e usando óculos. Ela se veste de maneira informal e prefere vestidos de modelo comprido e muito coloridos, e adereços artesanais num estilo despojado, *hippie*. Carrega sempre uma bolsa pequena transpassada no ombro, na diagonal, que, em certas ocasiões, substitui por uma pochete, onde carrega o celular, a carteira, e os passes de ônibus.

Márcia tem 58 anos e construiu sua carreira, como profissional do sexo³, em boates e prostíbulos durante quase 30 anos. Diferente de seus outros colegas de profissão, vinculados a rede social do GAPA, em Florianópolis, ela não mantinha laços estreitos com sua família de origem, não participando de seus rituais ou festas. No início de nossos contatos, ela foi sempre muito calada e tímida. Mas, ao mesmo tempo, revelava um grande envolvimento com as atividades da ONG e estava sempre disponível para as nossas demandas. Márcia foi muito prestativa durante o trabalho de contato com as outras profissionais do sexo, muitas das quais, que conheceu na batalha das ruas.

Na instituição, ela estava sempre por perto ajudando as pessoas que apareciam por lá, espaço ao qual se dedicava já havia alguns anos. Muito envolvida em uma série de atividades, dentre elas, os cursos de artesanato.

Com ela mantive um contato regular ao longo da pesquisa e, depois de sete meses, já conversávamos regularmente com razoável intimidade e cumplicidade. Ao retornar ao campo para minha tese de doutorado, após quase três anos do término da pesquisa, reencontrei Márcia, agora numa outra posição. Ela havia conquistado um lugar de maior prestígio e por

² Minha pesquisa de doutorado aconteceu entre os anos de 2006 a 2008 quando entrei em contato com mulheres que se prostituíam durante o dia no centro da cidade de Florianópolis, ao longo, e especialmente, no início de meu campo também contatei duas ONG's (GAPA e Estrela Guia) sendo a primeira importante pelo vínculo construído com Márcia que se revelou no decorrer da pesquisa, uma interlocutora frequente tornando-se ao final uma assistente de campo.

³ A nomenclatura “Profissional do Sexo” ou ainda “Trabalhadores do Sexo” é um termo usado em algumas ONG's para diminuir a discriminação que a palavra prostituta traz consigo, ou ainda, segundo Martins (2006, p 43) “(...) do ponto de vista político é uma forma de incorporar esta população à noção de cidadania, pelo conceito de trabalho”. A ONG DAVIDA, por exemplo, prefere utilizar “Putá”, na tentativa de esvaziar o capital simbólico negativo associado a termo, no entanto muitas ONG's não aceitam, ou seja, é ainda uma categoria em construção. Para os limites de minha pesquisa de doutorado adotei o termo “profissional do sexo” quando me referir às prostitutas e michês, mas ao longo do campo observei que as interlocutoras se tratavam como “profissionais”, o que aos poucos revelou-se enquanto uma categoria que se construía discursivamente (e não apenas) como um trabalho quando revelavam horários, valores, locais e especialmente quando falavam de “seus clientes”.

vários motivos, não apenas em função da antiguidade de atuação dentro da instituição, mas porque havia demonstrado, ao longo dos anos, uma grande capacidade de articulação política.

Márcia mora em casa que lhe é própria e a divide com um grande amigo e companheiro de todas as horas, Nunes, que costuma freqüentar sua casa quase que diariamente, é o companheiro mais presente. Nunes passa mais tempo com Márcia do que com seus familiares. O laço que une ambos é bastante sólido, sendo que, muitas vezes, Márcia comentava ser, essa situação, cômoda, afinal, tinha alguém para cuidar da sua casa quando ela não estava, considerando que não acha, o morro onde mora, seguro, em razão do tráfico de drogas que ocorre no Morro do Mocotó, que fica próximo ao local de sua residência.

A comodidade alia-se a economia de ter alguém com quem dividir os gastos domésticos de luz, água e da “venda”, além de ajudá-la a consertar um muro que, na ocasião da pesquisa, ainda não havia terminado de construir. Na descrição dos laços que os uniam, Márcia admitia que, as vezes, prestava serviços sexuais ao amigo, afinal, segundo ela, ele fazia uso regular das profissionais do sexo 'da Conselheiro' e pagava por isso. Sendo ela uma profissional, poderia muito bem lhe oferecer este serviço e receber também por ele.

Com ela realizou onze entrevistas, todas gravadas, dentro e fora da ONG/GAPA, e visito, também, seu antigo local de trabalho, onde atuou como profissional por mais de sete anos. Na época, o GAPA firmava-se como um importante espaço de sociabilidade de Márcia,⁴

Márcia nasceu em Lages/SC, mas veio ainda criança, com sua família de origem, para a região metropolitana de Florianópolis, quando o pai, funcionário do DNER⁵, foi transferido, para trabalhar no término das rodovias que ligavam a capital ao interior do estado. Na história familiar, conta ela, que o seu pai, instalado, morando com mulher e filhos e numa situação de vida razoável, se apaixonou por uma prostituta. O desfecho dramático do caso foi a separação dos pais. A mãe, na tentativa de sobreviver, acaba distribuindo (FONSECA, 2006) ela e os irmãos entre os parentes.

Ao longo de sua vida de trabalho no comércio sexual, Márcia casou-se duas vezes e teve três filhos: duas filhas do primeiro casamento, quando ainda morava em Lages/SC, e um filho do segundo casamento, já morando na cidade de São José, próximo a Florianópolis quando casa-se com um cliente.

⁴ Em visita seguinte, inicio uma série de entrevistas com esta interlocutora, momento em que ela inicia sua narrativa de trajetória de vida, que se sucedem em aproximadamente 11 entrevistas formalmente gravadas dentro e fora da ONG/GAPA, quando visitamos um antigo local em que se prostituiu por sete anos.

⁵ Departamento Nacional de Estradas e Rodagem.

Seu primeiro casamento ocorre quando ela retorna a casa paterna em Lages, após as duas experiências de violência sexual. Aos 18 anos, através da rede social de seu irmão, Márcia conhece seu futuro marido que trabalhava como guarda municipal e com ele tem duas filhas.

Segundo relata, sua sogra, "macumbeira conhecida em Lages", conhecia perfeitamente o "ballet" das mulheres, contribuindo, inclusive, para seu incremento, pois recebia muitas visitas de donos de boates e "fazia trabalhos" para o aumento da clientela destes estabelecimentos.

Envolvidos nestas atividades, também estavam seu marido e irmão, que faziam o chamado "ballet", que é uma espécie de circulação de mulheres entre as casas de prostituição. Esta circulação é necessária, tendo em vista que as mulheres novas são essenciais moedas de troca para manutenção da boa frequência dessas boates. Mulheres novas e jovens são sempre mais atrativas para os clientes. Portanto, a rotatividade é uma necessidade na sobrevivência destas casas.

Márcia então, quase sem querer - num acaso⁶ -, é iniciada neste universo, mas sempre atenta para saber quem e aonde precisavam de "mulher", como funcionava, quem eram os donos das boates e onde estavam localizadas estas casas. Inserida numa rede social onde o trabalho de prostituição aparecia como uma opção entre outras, decide ganhar dinheiro através da prestação de serviços sexuais. Assim, aos poucos ela constrói mentalmente uma espécie de mapa da prostituição no estado.

Portanto, Márcia se reconhecia neste universo, sendo rapidamente inserida na rede social localizada em torno da boate pela amante do irmão. Ela é a figura feminina responsável, concretamente, por iniciar Márcia nas artes da prostituição (como fazer, o que beber, como, quanto e quando cobrar). Como ela mesma afirma: *eu não sabia nada, aprendi tudo lá.*

A figura feminina da cunhada e o desempenho de Márcia na profissão é decisiva para a sua inserção na rede social de trabalho de comércio sexual, além daquela aprendida com o cliente, seja na boate (em termos das regras do decoro envolvendo as artes de sedução), seja na alcova (nas artes do sexo mercantil)

Importante assinalar que, no caso de Márcia e da maioria de minhas interlocutoras de pesquisa, as aprendizagens das artes do ofício nos moldes de suas redes sociais envolvem,

⁶ A propósito ver Peirano (1995).

direta ou indiretamente, parentes por afinidade (cunhada, sogra), ou por laços de sangue (irmã, irmão, mãe ou pai), ainda que elas atribuam o saber-fazer da prostituição à sua experiência face-a-face com seus primeiros clientes, segundo suas demandas/ensinamentos de prestação de serviços sexuais.

O campo social da prostituição feminina e toda a sua complexa rede de trabalho conforma a experiência urbana de Márcia, construindo sua identidade feminina de prostituta no universo dinâmico e relacional que une, em diversos níveis e dimensões, sua condição de “mulher pública” ao universo da casa. Um fenômeno que se fará presente na biografia da maioria de minhas parceiras de pesquisa, obviamente, com matizes e nuances específicos de suas trajetórias individuais no campo social da prostituição como mostra sua fala que abre este artigo.

O primeiro “programa” de Márcia é relatado como sendo lucrativo. Ela acorda pela manhã *nua e com muito dinheiro embaixo de seu travesseiro*: “A primeira vez eu não lembro, porque eu estava bêbada, sei que ele transou comigo por que eu estava nua e com um monte de dinheiro embaixo do meu travesseiro!”

A entrada de Márcia na profissão revela, entretanto, escolhas no interior de um campo de possibilidades, num processo intenso de negociação da realidade, envolvendo uso de drogas, bebidas, violência, abusos, brutalidade. É por onde orbitam os efeitos nocivos da “criminalização” do mundo da prostituição e a ilusão aparente da “grana fácil”, em oposição ao “trabalho pesado”.

Segundo relata Márcia, o álcool, a dança e a música eram componentes das regras sociais e dos códigos ético-morais que envolviam a aquisição da competência nas artes da prostituição e no seu desempenho na vida noturna.

Neste sentido, pode-se observar, no relato biográfico de Márcia um esforço para ajustar sua antiga visão de mundo aos novos padrões de comportamento e conduta, com a passagem do papel social de mãe e esposa para o de prostituta, objetivando conciliá-las em termos de seus códigos éticos e morais. Na ótica de G. Velho (1999), sua trajetória individual no campo social do comércio sexual ganha consistência a partir das opções disponíveis que seu universo social lhe oferece, tanto no mundo familiar quanto no mundo do trabalho:

Vim para São Francisco do Sul/SC. Lá onde eu tinha ouvido falar, uma vez lá em Lages numa boate em São Francisco, que o homem andava atrás de mulher. Minha sogra tinha muitos filhos então era sempre muita gente, tinha muito conhecimento. Ai eu fui para uma outra boate.

Então era assim, elas pegavam tudo quanto era gente, né.... E as morenas pegavam muito no pé naquela época. Eu parava na porta. Tinha dia que fazia dez programa, quinze programa. E eu parava muito na porta! Naquele tempo eu era assim.... eu era nova não tinha a experiência que eu tenho hoje em dia, entende-se? Eu sei que hoje em dia.... Naquela época eu era uma abestada, uma boba, uma tola. É tudo ilusão, né? Mas a gente tinha os clientes, os fregueses, aqueles ali que chegavam. Era marcada hora e não podia ta com ninguém não... o bicho pegava! (Extrato de entrevista, 2007.)

Embora imagine ser o trabalho da prostituta um mero desregramento da carne, o que Márcia apresenta em sua narrativa biográfica é a aprendizagem cuidadosa das regras sociais que conformam o universo social das prestadoras de serviços sexuais em casas de prostituição e boates. Pouco à pouco, ela vai aprendendo todos os tipos de comportamento apropriado a elas, “especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas” (BECKER, 1977; 53).

Márcia relata, então, que ao sair da boate do irmão naquela noite, vai diretamente para a rodoviária, onde compra uma passagem para São Francisco do Sul/SC, e onde o anonimato e a condição de estrangeira lhe permitia consolidar um projeto de vida e de trabalho no universo do sexo mercantil.

É no novo local de trabalho que ela recebe o nome de batismo na profissão – Márcia – que passa a usar ao longo de sua carreira, e usado em minha pesquisa com seu consentimento e solicitação. É importante ressaltar que se trata de um ritual de agregação, de batismo na prostituição, algo que acontece no interior do círculo de mulheres que, na ocasião, trabalhavam na casa, com a presença da figura masculina protetora do dono da boate, que ao escolher seu nome, segundo conta, lhe dá um “banho de champanhe”.

Num tom romântico, revela os significados estratégicos da morte da figura da mãe e da esposa, e do seu renascimento na figura da prostituta, como fundamental para acomodar sua trajetória de vida no interior de uma profissão marcada pelo estigma e pelo preconceito. O processo de “trocar de nome” ou ter um “nome de batalha” concilia, na mesma e única pessoa, papéis sociais distintos: a profissão no sexo mercantil, que transcorre nas áreas públicas; e as suas atividades no âmbito da vida familiar. Separam-se, assim, em tempos e espaços diferenciados, segundo códigos ético-morais que demarcam social e culturalmente suas fronteiras simbólicas de prostituta.

Na sua escala de valores, o codinome “Márcia” lhe permite negociar consigo, e com os outros, a sua identidade social de prostituta, separando-se de seu outro “eu”, quando se refere

a si mesma, como mãe, esposa, ou, com o passar do tempo, avó. A troca de nome aparece no relato biográfico como uma tática (DE CERTEAU, 2000) inteligente de manipulação dos efeitos morais da prática do sexo mercantil em outras esferas de sua vida social.

Revelando uma multiplicidade de referências para a construção de sua identidade individual, trata-se, para Márcia, de não poluir/contaminar as outras dimensões de sua vida, numa espécie de preservação de si diante da exposição que o desempenho na carreira lhe exige. De forma astuciosa, ela engendra uma forma de não levar a rua para dentro de sua casa.

A partir de São Francisco do Sul/SC, acumulam-se relatos de boates e histórias, num desenrolar coerente no interior de um tempo pensado que, pouco a pouco, vai atribuindo sentido aos diversos instantes de sua experiência profissional no interior de uma trajetória de vida na “batalha”:

A gente chegava, batia na porta, eles olham a mulher primeiro, se ela é bonita. Porque eu estou com 58 anos, mas eu já fui uma gata (diz rindo), hoje eu estou gorda, mas antigamente, eu tinha o meu corpinho, bonitinho, era bonita. Aí eles olhavam, no caso deles, da prostituição, a mulher é quem bebe, a mulher tem que beber, beber bastante, para dar bastante lucro para a casa. Aí eu vim e fiquei acho que em São Francisco do Sul/SC, uns três anos. (Extrato de entrevista, 2007.)

A rotina de trabalho na profissão envolvia não apenas o turno da noite, em referência ao atendimento ao cliente, mas aumentava durante o dia, com a realização dos serviços de manutenção e limpeza da casa de prostituição, serviços domésticos que as “mulheres de programa” eram incumbidas de realizar. Um trabalho que a “dona” controlava com rigor a sua execução e que revela uma hierarquia no desempenho das funções e dos papéis entre as mulheres que ali trabalhavam.

Márcia retirou-se da prostituição por duas vezes, em todas elas, em função de seu casamento com clientes. Ela alega razões afetivas para o seu afastamento⁷ da profissão, confirmando o que M. Gaspar (1985) aponta em seus estudos sobre garotas de programa. O afastamento dessas mulheres do seu ambiente de trabalho transcorre, principalmente, com base nos rendimentos do parceiro e na sua possibilidade de sustentar o casal e a prole. O

⁷ O abandono do trabalho de prestação de serviços sexuais encontra-se ancorado numa “rede de razões simbólicas e materiais” (GASPAR, 1985), que dificultam a substituição deste ofício por outro. Uma destas razões são as representações simbólicas associadas à figura da ex-prostituta como mulher, ou contaminada, por seu passado na profissão. A entrada no casamento se faz “pela porta dos fundos”, uma vez que sua poluição moral esta gravada em sua pele, interiorizada em sua carne, afastando-a das virtudes maritais (a figura da donzela, da castidade).

afastamento da profissão, entretanto, não afasta a carga simbólica atribuída à antiga profissão, registrada nos corpos dessas mulheres pelo imaginário masculino de uma sociedade patriarcal.

Afora as razões simbólicas, a profissão tem suas vantagens, segundo narra Márcia e muitas de suas colegas, pois a remuneração das atividades no comércio, como balconista, ou de empregada doméstica em casas de família, é inferior à remuneração que produzem num mês, só com seus programas.

Em determinadas passagens de sua narrativa biográfica, Márcia, inúmeras vezes, alude aos devaneios do amor cortês, sensível e atormentado (e de inspiração literária), ao nutrir a idéia do casamento com o “homem perfeito” (*Arruma casamento menina... Márcia, extrato de entrevista, 2007.*), que a fará reverter, finalmente, a carga simbólica negativa associada ao seu destino de pecado, e para quem poderá, finalmente, dedicar sua vida, resolvendo, com isso, os dilemas dos preconceitos sociais que a atormentam (*a gente só queria ser feliz.... a gente fez um monte de planos!!! Márcia, extrato de entrevista, 2007.*).

Nos últimos anos de sua carreira em boates, a descoberta por Márcia de sua condição soropositiva traz alterações radicais em seu projeto de vida. Momento em que se afasta do seu local de trabalho e “cai na rua” para depois retomar o curso de sua trajetória numa ONG, num momento que observa-se, no tocante às atividades das profissionais que abarcam o comércio sexual, uma re-significação das práticas sexuais deste comércio.

O aprendizado de uma carreira

A narrativa de Márcia nos mostra o estabelecimento e a escolha de uma determinada profissão que acontece na cidade, e, de que forma esta cidade moderno contemporânea participa de suas aprendizagens neste ofício, desde a sua entrada nesta profissão, o aprendizado, o primeiro programa, a manutenção, a hierarquia na carreira e as possibilidades de um afastamento, e de um possível retorno, a aposentadoria.

No caso de Márcia sua carreira foi construída nos limites das boates e bares, diferente das outras interlocutoras em que o aprendizado acontece nas ruas, na batalha do cotidiano, onde a ordem se estabelece a partir de outro lugar. Atentando aqui para as diferentes regras que ordenam estes espaços público e privado, a rua e a boate⁸. Ambas compartilham da

⁸ Nas boates as figuras da gerente são chaves explicativas para se pensar este espaço, (o qual não me debruçarei

formação de um mesmo ofício e, portanto, precisam compreender e estabelecer-se nas redes de solidariedade feminina que elas tecem entre si como integrantes na aventura de sua profissão numa metrópole, além da participação de políticas públicas na ordenação desta atividade.

Ainda, no espaço das ruas ponderava uma lógica diversa da prática da profissão, envolvendo mulheres com idade entre 27 e 55 anos, maioria oriunda de cidades do interior do estado de Santa Catarina, e atuando numa modalidade de trabalho nômade, nas calçadas e praças, enfrentando as intempéries das estações, da livre concorrência e compartilhando diferentes graus de brutalidades e carências, algumas com níveis altos de pobreza.

A maioria destas mulheres, na ocasião da pesquisa, era ativa no ramo da prostituição, com filhos e/ou netos para sustentar, prestações para pagar e histórias de ex-maridos violentos. Enquanto algumas delas sonhavam com um casamento ou ao menos um homem – um velho – que as tirasse das ruas, outras afirmavam deles não precisar.

Surpreendia-me em ouvi-las responder, quando perguntadas, do por que não trabalhavam em boates. Respondiam que tinham orgulho da liberdade com que dispunham de seu tempo, do seu corpo e, principalmente, do seu dinheiro. Orgulho por não se submeter a um cafetão, pois, regulavam o próprio horário e os dias trabalhados, além da vantagem de poder escolher seus clientes.

Assim que as ruas do centro da cidade, seu lugar de trabalho, de exercício de uma profissão com a qual proviam o seu sustento e o de sua prole. Desse modo que o centro da cidade como um ponto comum, um local onde o exercício do anonimato lhes permita criar uma multiplicidade de manobras para o exercício de sua atividade profissional. Por outro lado, um território dividido por mapas de orientação distintos, dependendo de como me fosse permitido entrar nas suas redes do comércio sexual. Lentamente, fui me dando conta da presença de diferenças no ritmo da vida urbana e na criação das formas de ocupação dos espaços pelas prostitutas de rua, diferente das que atuavam no espaço da boate⁹.

Ainda no tocante as diferenças entre espaço público e privado, no cenário das boates nasce e cresce uma figura feminina de poder – a gerente – contratada pelo proprietário. Uma mulher, que em princípio, não se prostitui. O que não significa que já não o tenha feito, pois

neste artigo), pois são elas que determinam as regras (horários, bebidas, uso de preservativos, exames periódicos e os valores dos programas).

⁹ Quando menciono “boate” me refiro a uma miríade de espaços que se destinam a atividade da prostituição, sem necessariamente me referir apenas ao conceito boate.

ela está ali para atender a alta rotatividade de profissionais, preservando assim, a boa frequência masculina na “casa”.

Ao passo, que nas ruas existe a figura feminina e com poder da “dona do ponto”, que atinge este status, entre outras habilidades, por sua antiguidade e, geralmente, possui uma clientela fixa. Cabe a ela o estabelecimento da demarcação e da defesa de seu lugar, muitas vezes protegido e guardado, a partir de uma experiência de conflitos com algumas colegas de profissão, com policiais, etc. Todas elas, sem exceção, classificavam sua atividade como uma profissão de risco. Como conta Ivone, prostituta da rua Conselheiro Maфра: *a qualquer momento uma camisinha dessas pode estourar e podemos pegar uma doença!, Nossa profissão é uma profissão de risco!*

Mulheres “da vida”, “mulheres públicas”, experientes e experimentadas nas ruas, sabiam qual programa evitar para não levar um “calote”, ou ainda, quando arriscar exigir “algum serviço a mais”, não acordado inicialmente.

E foi nestes moldes que a cidade de Florianópolis/SC é narrada por minhas interlocutoras como uma experiência corporal ou “carnal” singular, uma vez que se apresenta marcada pela ritmicidade dos processos dinâmicos que envolveram a formação de uma carreira na prostituição, das astúcias em lidar a feição clandestina da prestação de seus serviços, até as táticas empregadas por elas para a sua consolidação como “mulheres públicas” em detrimento de uma carreira nas boates.

Estas aprendizagens do “batalhar na rua”, abarca o comércio do sexo, que se apresenta, muitas vezes, na forma como elas narram sua aprendizagem das formas de expressão da figura da prostituta (formas de andar, vestir, seduzir, conversar, sorrir, etc.).

Também, em suas narrativas biográficas, há referências ao uso de certos acessórios ou adereços no exercício da técnica corporal de seu ofício (um rabo de cavalo postiço, uma bota de salto, etc), fato que, em muitos momentos de suas carreiras, remetiam tais mulheres aos *bons tempos*¹⁰ da prostituição.

Bons tempos de uma carreira de prestação de serviços sexuais que não se traduz, na maioria dos casos, em uma futura aposentadoria. Se por um lado, o investimento numa trajetória individual na carreira de prostituta, ainda que projetada na juventude, permita uma transgressão das origens sócio-econômicas de minhas interlocutoras, por outro, a mudança de

¹⁰ O termo *bons tempos* remete a uma expressão nativa e vem associado aos excessos vividos ou os excedentes obtidos no exercício da profissão, como por exemplo: bastante dinheiro, clientela, muita diversão, festas, mas especialmente a sensação de sentirem ‘desejadas’.

sua condição social se revela efêmera, quando vista na perspectiva da profissão ao longo do seu curso de vida.

Em contraste com as formas de trabalho regulares e regulamentadas pela cultura ocidental moderna, e que orientam as relações produtivas num grande centro urbano-industrial contemporâneo, é novamente no consumo da cidade, nas suas formas de viver, na comunidade de sentimentos que agrupam as profissionais do sexo no interior de certos espaços do vivido da prostituição nas ruas que se estabelecem as redes de solidariedade, consolidando-as como um fenômeno de apoio e segurança diante do risco que sua vida profissional lhes oferece.

Importante assinalar que o universo de pesquisa aqui retratado se caracteriza por serem as minhas interlocutoras, em sua maioria, oriundas de cidades de pequeno e médio porte, situadas, tanto distantes, quanto próximas da capital catarinense.

Muito embora, decorrente de processos migratórios que resultaram na eleição da capital do Estado como local de trabalho, e ainda que os lugares de moradia estejam localizados no “continente” na região metropolitana¹¹, estas mulheres situam seu *ganha-pão* no centro de Florianópolis.

Deste modo que a prostituição feminina de rua pode ser entendida como uma categoria de trabalho que usa, para o exercício da sua atividade, o espaço das ruas nas grandes cidades, assim como os catadores de papel, os engraxates, os ambulantes e os mendigos entre outros. Todas essas categorias, no exercício de sua atividade, invariavelmente, ocupam as ruas, as esquinas, as praças, as saídas de metrô, de ônibus, dos trens, das portas de igrejas, dos restaurantes, enfim, circulam pela cidade ofertando os seus serviços e/ou produtos. Tratam-se, assim, de atividades, como aqui já foi mencionado, que nas grandes metrópoles ganham o caráter de profissão (PARK, 1976).

No exercício do trabalho da prestação de serviços sexuais em espaços públicos, fechados ou abertos, ao longo da carreira nas ruas da cidade, as “profissionais” precisam astuciosamente construir sua clientela entre os freqüentadores de tais locais. Isso lhes exige a aprendizagem de algumas táticas de ocupação territorial, as quais envolvem a competição com outras categorias de trabalhadores que atuam no setor, ou até mesmo, de outros setores, mas que obtêm seu sustento nos espaços públicos.

¹¹ Santo Amaro, São José, Palhoça e alguns bairros mais distantes localizados no Norte da Ilha como, por exemplo, o Rio Vermelho.

Como muitas das ocupações mencionadas, as prostitutas formam um grupo ocupacional que atua num ramo de serviços considerados não convencionais, uma vez que o produto de seu trabalho está constantemente sujeito a sanções sociais de todo o tipo.

Tais sanções têm por objetivo dirigir a oferta e a procura dos produtos ou serviços oferecidos pelas prostitutas. Mesmo considerando-se os “atravessadores” (cafetões, donos de boates, etc.), e a extrema diferenciação dos produtos oferecidos pelo comércio sexual, pode-se afirmar que o que esta forma de trabalho tem em comum com as outras “não-convencionais” é o fato de elas serem muito mais casual que outras profissões urbanas, que usufruem o status do trabalho regular e formal.

Nesse sentido, para que a prostituição se configure como uma ocupação do setor de serviços, ela depende de uma organização interna dos trabalhadores (homens e mulheres), suficientemente forte, para que o contato direto e pessoal deles com seus clientes e o serviço prestado, geralmente casual e fruto de negociações comerciais e financeiras, se transforme em laços de trabalho estáveis e duráveis.

E em termos representacionais, são mulheres “de fora” e “da periferia” que ocupam e participam da vida urbana que se desenrola na região central de uma metrópole, como muitas outras categorias de trabalhadores urbanos: comerciários, bancários, lojistas, ambulantes, etc.

No exercício da profissão, a carreira de prostituta coloca para as mulheres o desafio da construção de espaços de “batalha” para si, tendo em vista a conquista de uma clientela, o que resulta de sua aderência a uma rede de prostituição que tem suas memórias referidas a certos estilos de prestação de serviços sexuais em determinados lugares e trajetos, no contexto das ruas de uma grande metrópole.

As distinções nas formas de transcorrer o comércio sexual são significativas, quando se observa que muitas prostitutas avaliavam as condições de seu trabalho nas ruas. Na prática da profissão, elas estabelecem clivagens ético-morais entre os lugares perigosos e os seguros, em relação aos turnos do dia e da noite, entre seus moradores e *habitués* e aos seus ritmos de ocupação.

No território da rua se pode identificar o que Norbert Elias (2000: 23) denominou, na obra *Estabelecidos e outsiders* de “sociodinâmica da estigmatização” e de “figuração de um equilíbrio instável de poder”, expressões das quais me valho para pensar o caso deste comércio.

Em termos simmelianos, considero que a figura do “aventureiro” mescla-se a figura do

blasé, uma vez que na prática da sedução, a carreira de prostituta ensina à “mulher pública” a maestria de reunir em suas ações cotidianas o cálculo racional do risco que sua profissão lhe exige.

Ainda, segundo N. Elias (1998: 19), no interior da sociedade, todo o indivíduo tem “uma certa latitude em seu poder de decisão”, como verifiquei nesta entrevista com Denise (28 anos e 9 de prostituição na *Conselheiro*).

J: Como é que é ficar aqui na rua.... que tipo de risco.... semana passada tu me falou que a rua acaba com a pessoa. Como é que é ficar na rua, no sol, na chuva, na poeira, no barulho....

D: É isso né.... não tem dia, sol, rua, fica na rua.... passa frio.... Tem que ficar aqui né? Daí acaba com a gente também né? A gente fica aqui.... transa com um.... transa com outro.... também risco assim que eu quero dizer.... a gente corre risco de pegar uma doença, estourar uma camisinha, do homem ter uma doença.... às vezes a gente sente dor no útero, nas parte de baixo... tudo isso né? Isso é um risco

J: Tu já sofreu algum tipo de violência aqui na rua?

D: Assim que... de homem? Assim? Não....

J: Mas tu te cuida.... como é que tu faz.. diversidade.

D: Sim, a gente vai no ginecologista, faz preventivo...olha.... às vezes a mulher tem alguma infecçãozinha.... toma remédio... acho que isso acontece porque.... um homem tem o pau grande, outro homem tem o pau pequeno, é aquela coisa né? A gente faz muito programa chega no final do dia, dói, dói tudo. Então isso que acaba, acaba muito com a mulher.... com o corpo da mulher. O cansaço também, daí a gente chega aqui, de manhã cedo, e chega essas horas, ó.... hoje é um dia.... eu cheguei era nove horas sabe lá Deus como é que vai ser daqui para frente se não arrumar.... tem que pedir um passe emprestado, alguma coisa pra ir embora. Então tudo isso é um risco que tem que correr né.... tem que tá em casa, um monte de coisa pra fazer.... ai vem pra cá e perde um dia né?? E um dia perdido não tem... não tem volta né? É uma ilusão. Às vezes fica uma semana, duas até... sem ganhar!! Os outros acham que ainda é fácil... que é vida fácil, que é só chegar aqui e..... sobra dinheiro... (Entrevista em junho, 2007 na Rua Conselheiro Mafra)

O caso singular da aprendizagem dos segredos da profissão de prostituta e o risco calculado no exercício da prestação de seus serviços são mais agudos para as profissionais que não dispõem de uma moradia fixa e onde o trabalho envolvendo o comércio sexual é mediado pela procura de *um lugar para passar a noite*. Geralmente, esse grupo populacional circula por determinados pontos da cidade, muitas vezes portando sacolas de plástico em que guardam seus pertences (roupas, alguns poucos produtos de higiene, etc.).

O cliente e o programa, nesse caso, representam, além do pagamento pelos seus

serviços sexuais, a possibilidade de um lugar para se abrigar, comer e recompor seu corpo para o retorno à lida. Se por um lado, este estilo de “batalhar na rua”, em termos simbólicos, representa uma transgressão dos fundamentos morais paradigmáticos da figura feminina da mãe-de-família, dona-de-casa, referida ao espaço doméstico, a prole e ao marido.

Por outro, esta forma de batalhar nas ruas, as re-inventa no interior das próprias relações prostitutas-clientes, atribuindo a elas outra rede de significados. Nas visões de mundo que comportam este estilo de comércio sexual, as questões de honra situam a figura masculina do cliente num lugar estratégico em relação às prostitutas, que têm sua moradia separada do local de trabalho (mulheres chefe-de-família geralmente atuando de forma autônoma).

Refiro-me aqui à relevância de se pensar o comércio sexual nas ruas fora da perspectiva psicologizante da prostituição como fenômeno revelador de patologias individuais. Ou seja, como parte deste jogo social envolvendo a entrega, o mergulho em uma sexualidade interdita, proibida, numa relação efêmera com a cidade, com o erotismo (SIMMEL, S/D; 79), envolvendo, até certo ponto, o cálculo racional do risco, em conformidade com a disseminação dos postulados modernos no interior destas formas de comércio e consumo de práticas sexuais.

A prostituição não é um destino, ainda que algumas vezes, em campo, esta representação esteja associada a esta forma de trabalho nas ruas. Ela se conforma como um espaço social constituído por áreas de manobra e liberdade individual.

Sob esse aspecto, os estudos de narrativas biográficas e dos jogos da memória, tal como proposto por C. Eckert & A. L. C. da Rocha (2005), é interessante, uma vez que conduzem a uma reflexão sobre os meios pelos quais a carreira no comércio sexual entrelaça as dimensões, por um lado, da família e da casa e, por outro, do trabalho e da rua, criando, entre elas, uma continuidade temporal singular.

Ambas as dimensões sociais, articuladas entre si no interior de uma biografia e a partir da noção de projeto (VELHO, 1994), constroem, num processo contraditório e complexo.

Da mesma forma, é por meio da ritmicidade dos jogos da memória que as formas de vida social na rua promovem, com seus clientes e/ou com suas colegas de profissão, uma feição coletiva, transcendendo a dimensão pessoal, tanto em seus aspectos afetivos e emocionais quanto em seus padrões morais e sexuais.

É, portanto, na condição de trabalhadoras das áreas públicas do espaço urbano¹² (DE

¹² Aqui, faço uma relação com a noção de caminhar com De Certeau (1994), quando menciona que os

CERTEAU,1994) e na tessitura entre o tempo vivido e o tempo pensado (ECKERT & ROCHA, 2005) na profissão, que as prostitutas re-inventam os códigos simbólicos associados a um comportamento dito como desviante (BECKER, 1977).

Ressalte-se o fato de que a cidade, em sua feição moderno-contemporânea, ter permitido, no caso de algumas de minhas parceiras de pesquisa, um deslizamento de papéis sociais diferenciais, isto é, o da prostituta, da amiga, da amante e da mãe-de-família, todos envolvendo o cruzamento de distintas fronteiras simbólicas¹³.

A cidade do comércio de práticas sexuais tem, assim, um mapa singular, configurado no entrelaçamento de tempos vividos e pensados em torno das experiências com a prestação de serviços sexuais em seus territórios, apesar das remoções e das destruições de seus antigos espaços de enraizamento.

Aprender a profissão de prostituta se traduz, portanto, na apreensão de um *ethos* e de uma visão de mundo, segundo as modalidades das artes de fazer e das artes de saber do comércio sexual que acontece ali, na rua. Sempre atenta, para não cair numa abordagem simplista da vida social de uma ocupação que traz as marcas de subjetividades singulares em relação às práticas corporais e sexuais, que envolvem no exercício da profissão o jogo de mobilidades múltiplas, social e residencial, e que reúnem clientes e prostitutas, especialmente, diante da transformação em seus espaços de trabalhos.

Referências

- BECKER, Howard S. Uma teoria da ação social. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1977.
- DE CERTEAU, Michel. Andando na Cidade. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 1994.
- _____. A Invenção do cotidiano: artes de fazer. 5. ed Petrópolis: Vozes, 2000. 351p.
- DESCHAMPS, Catherine. Le Sexe et l'Argente des Trottoir. Hachette Littératures, 2006.
- ECKERT, C. & ROCHA, A. L.C. O Tempo e a Cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

caminhantes da cidade não percebem os mapas que realizam em suas andanças, ao mesmo tempo em que desenham trajetórias no espaço urbano.

¹³ Para Lefebvre (1999), o espaço na cidade se anuncia e constrói desde aí uma performance do lugar. O espaço cola sua história àqueles que se submetem ao lugar.

- _____ Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2001. 25 F. (Iluminuras; n.44)
- _____ Memória, Narrativa e as Histórias do Mundo. Iluminuras; Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS / UFRGS, 2000, Número 14.
- ELIAS, Norbert. Envolvimento e alienação, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998, p.261
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. Os Estabelecidos e os Outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FONSECA, Claudia. Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000.
- GASPAR, Maria Dulce. Garotas de Programa – prostituição em Copacabana e Identidade Social. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1985.
- HANDMAN, Marie-Elisabeth; MOSSU-LAVAU, Janine. La prostitution à Paris. Éditions de la Martinière. Paris, 2005.
- LEITE, Gabriela. Eu, mulher da vida. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1992.
- _____ Filha, mãe, avó e puta – a história de uma mulher que decidiu ser puta. São Paulo : Ed. Objetiva, 2009.
- PARK, R. A cidade: sugestões para uma investigação do comportamento humano no meio urbano. In: O fenômeno urbano. VELHO, O. (ORG.). Zahar Editores, Rio de Janeiro, 3ª edição, 1976.
- SIMMEL, G. Filosofia de la Coqueteria. In: Revista de Occidente. Madri. Cultura femenina y otros ensaios, S/D.
- VELHO, G. Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 5ª edição, 1999.
- _____ Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.